

Mensagem Pastoral do Bispo de Mainz,

Peter Kohlgraf,

para o tempo quaresmal de 2023

3.º Domingo da Quaresma, 12 de março de 2023

“Confesso que pequei por atos e omissões.”

Caros irmãos e irmãs da Diocese de Mainz,

“Confesso a Deus todo-poderoso, e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões.” É com essa confissão que inicia a Santa Missa. Não se tornam culpados apenas aqueles que fazem o mal, mas também aqueles que se omitem de fazer o bem.

Lí, nos últimos dias, o estudo sobre os abusos sexuais na Diocese de Mainz, intitulado “Conhecer.Entender.Prevenir.” (“Erfahren.Verstehen.Vorsorgen” – EVV) e apresentado a 3 de março de 2023 pelo advogado Ulrich Weber e Johannes Baumeister. De forma independente, os autores investigaram e descreveram a situação na Diocese de Mainz a partir de 1945. Fala-se de centenas de pessoas afetadas, muito embora se deva partir do pressuposto de um grande campo obscuro que assim permanecerá apesar deste estudo. Não tenho a menor dúvida: ainda prevalece um grande silêncio; as pessoas afetadas são muitas vezes incapazes de se manifestar, ou quiçá perderam toda a confiança de que as suas vidas importam para a Igreja. Em conversas, as pessoas afetadas me contaram que já não aguentam mais ouvir pedidos de desculpas. Disseram que não só não esperam dos responsáveis da diocese declarações de pesar e consternação, mas que sua reação diante de tais gestos é de indignação.

Considero este estudo um passo adiante no enfrentamento dessa situação. Não se encerra, com ele, o nosso convite às pessoas para contarem as suas histórias pessoais. Afinal de contas, não falamos de números e estatísticas, mas de pessoas. E desejamos falar cada vez mais *com* pessoas, a fim de aprender com elas. Por isso, agradeço sinceramente a coragem de muitos(as) de participar neste estudo e de partilhar as suas experiências. E repito: o convite para partilhar experiências e informações continua aberto a todos(as) os que desejarem fazê-lo.

O estudo também nos permite aprender a respeito de muitos acusados e perpetradores, sobre os seus comportamentos, sobre estruturas de relações abusivas e sobre mecanismos de justificação que quase sempre estão ligados a uma imagem de sacerdote ou de autorreferencialidade exacerbadas. O que tornou estes sacerdotes praticamente intocáveis foi, de modo especial, a compreensão de ministério.

Descrições concretas de agressões, violência e abusos deixam-me indignado, triste e sem palavras – e não sou, certamente, o único. O que aconteceu e está descrito no estudo é, num sentido muito profundo, inclusive teológico, verdadeiramente perverso. Dado que pessoas não praticaram o bem, o sistema eclesial tornou este mal possível e o favoreceu em proporções assustadoras. Constata-se um fracasso em diversos níveis.

O interesse público tem-se obviamente concentrado sobre os bispos a partir de 1945. Pôs-se em evidência o fracasso dos bispos Albert Stohr, Hermann Volk e Karl Lehmann. Como Bispo de Mainz hoje, reconheço isso sem qualquer arrogância. Não sei como eu teria agido. Hoje, eu e nós dispomos de outros conhecimentos e diretrizes. Contudo, os responsáveis deveriam ter agido de acordo com diretrizes mesmo antes de 2017, o mais tardar após 2002, e isso raramente ocorreu. Pouquíssimos levantaram a questão de como as pessoas afetadas deveriam estar se sentido; durante demasiado tempo, os responsáveis procuraram proteger apenas a imagem da Igreja, exigindo silêncio ou encobrimento.

Muitos ficaram abalados, de modo particular, com as acusações contra o estimado Cardeal Karl Lehmann. Numa reportagem televisiva da SWR a 4 de março de 2023, passantes foram entrevistadas na rua a seu respeito. Alguns revelaram estar abalados; eles o consideravam um “farol” com elevada reputação moral. Agora precisam se reorientar. Isso também os leva a se questionar sobre a sua fé e a sua relação com a Igreja, da qual veem agora lados que antes lhes eram velados. E confesso que também me sinto assim, uma vez que fui ordenado bispo de Mainz pelo Cardeal Lehmann. Como Bispo de Mainz, pertenço à tradição de uma grande diocese e de grandes nomes que figuram entre os meus predecessores. A ela pertencem, todavia, também os lados sombrios. Nesta reportagem televisiva, um homem colocou a pertinente questão: temos o direito de julgar uma pessoa falecida deste modo? Obviamente, é impossível fazer justiça ao conjunto das obras dos bispos Lehmann, Volk e Stohr, se a nossa atenção se concentrar apenas sobre este tema atual. Mas ele faz parte, e não podemos ignorar esse fato. Quero repetir o que disse na minha declaração de 3 de março: tendo em vista a verdade das pessoas afetadas, não pode mais haver monumentos intocáveis.

Quando nos confrontamos com o passado, fazemo-lo a fim de aprender para o futuro. Há, no entanto, outras vozes que dizem: o modo de agir dos bispos mencionados é, na verdade, como se agia no passado. A isso quero responder da seguinte forma: quando tratamos da questão dos abusos, não nos referimos apenas ao passado, mas à vida das pessoas no presente. No estudo, encontro dois contra-argumentos contra esta minimização de que aqueles tempos eram assim mesmo. O primeiro diz respeito à existência de conselhos paroquiais que fizeram frente tanto a acusados e agressores como ao governo da diocese. O segundo se refere ao fato da União da Juventude Católica Alemã (BDKJ) da diocese de Mainz ter erguido, já desde cedo, a sua voz crítica. Nenhum deles foi ouvido pelos responsáveis, incluindo os bispos. Há ainda quem pense que, tendo passado tanto tempo, deveríamos deixar isso tudo para trás. Mas isso eu não posso aceitar. Quanto mais grave e brutal o abuso, maior a demora até ser denunciado, afirma o advogado Weber; e essa constatação demonstra claramente: estes crimes não podem nem devem ser simplesmente esquecidos.

No estudo torna-se evidente para mim o fracasso não apenas dos bispos, mas de todo um sistema. Os sacerdotes, e por vezes também outras figuras de autoridade, têm sido exaltados e colocados sobre um pedestal – e não raro eram eles próprios a fazê-lo. Houve paróquias que aderiram ao jogo de apoiar perpetradores e acusados, não acreditando nas pessoas afetadas ou mesmo pressionando-as. Também este não é um fenómeno de um passado distante. As famílias não queriam enxergar, o entorno ajudava a encobrir. As pessoas afetadas não eram ouvidas nem levadas a sério. Até nos anos 90, as autoridades públicas nem sempre se portaram de forma louvável. Em depoimentos policiais, havia sempre um representante da diocese; os serviços de assistência social à infância e adolescência não levavam crianças e adolescentes a sério. Não consigo imaginar a solidão que os jovens afetados devem ter experimentado. A sociedade, a política e a teologia proporcionaram o terreno fértil para a ação da Igreja. Por isso, é simplista demais derrubar apenas os grandes monumentos de seus pedestais. Uma mulher expressou da seguinte forma a sua impressão com relação à diocese de Mainz: No Caminho Pastoral, falamos de partilha. Talvez se inicie agora uma fase em que é preciso partilhar também o sofrimento. Esse pensamento me parece extremamente fecundo.

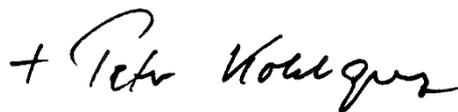
Ao mesmo tempo, devemos evitar suspeitas generalizadas e uma atmosfera de desconfiança. Na sua maioria, os padres, os(as) agentes pastorais e os(as) colaboradores(as) da Cáritas realizam um trabalho extraordinário. A eles(as) quero prestar o meu agradecimento por continuarem juntos(as) nesta jornada. Isto também se aplica aos muitos(as) voluntários(as) nas comunidades paroquiais e diversos locais eclesiais.

O estudo menciona algumas atitudes fundamentais que são importantes para o futuro. Crianças, jovens e pessoas sob tutela precisam encontrar, na Igreja, lugares seguros e acompanhamento. Isso só poderá ter êxito se estabelecermos e cultivarmos uma cultura do cuidado em cujo centro não estejam os grandes, mas os pequenos, que precisam de atenção e proteção. Eles precisam encontrar espaços e pessoas que os escutem e nele confiem. Isso pode prosperar se levarmos a sério o Evangelho. A nossa política de prevenção está no rumo certo e necessitará ser reexaminada à luz deste estudo. No caso de uma intervenção, ou seja, dada a necessidade de intervir concretamente em decorrência de uma denúncia de abuso, o procedimento é pautado segundo diretrizes bem claras que se aplicam em todas as dioceses da Alemanha. A alguns, ainda hoje isso não parece cabível.

Lendo o estudo, dei-me conta, uma vez mais, de quão candentes são as questões que temos enfrentado também no Caminho Sinodal: a questão do poder, a imagem de sacerdote, a moral sexual, e a rutura de um círculo exclusivamente masculino na Igreja. Dado que houve um fracasso sistémico e que esse grande perigo persiste até hoje, não há como eximir-se da responsabilidade de tratar de questões sistémicas.

Para as semanas do tempo de penitência quaresmal, desejo a todos(as) a bênção de Deus. Partilhemos a nossa fé e a nossa vida, à qual pertencem também os lados sombrios, postos agora à luz do dia. Rezemos com as palavras da oração penitencial da Santa Missa, pedindo a força para sermos capazes de evitar o mal e fazer o bem.

Abençoe-vos, pois, o Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.



+ Peter Kohlgraf

Bispo de Mainz

Übersetzung: Claudia und Leandro Fontana